

# O Concílio Vaticano II e a arte: uma abordagem à teologia do espaço litúrgico.

José Ribeiro Gomes

"Entre a terra e o céu estabelece-se um canal de comunicação no qual se encontra a acção do Senhor e o cântico de louvor dos fiéis. A Liturgia une os dois santuários, o tempo terreno e o céu infinito, Deus e o homem, o tempo e a eternidade."<sup>1</sup>

O Papa Bento XVI no encontro com os artistas, em Novembro do ano passado<sup>2</sup>, lançou a problemática da discussão sobre a arte citando Georges Braque: "*l'art est fait pour troubler, la Science rassure*"<sup>3</sup> ("a arte inquieta, a ciência dá segurança"). Este desafio fez com que surgissem algumas abordagens à questão, pelo menos assim parece, como se o ano de 2010 fosse o "ano zero" dos grandes movimentos na arte sacra, nomeadamente dentro da própria Igreja<sup>4</sup>!

<sup>1</sup> João Paulo II, "Salmo 150: toda a criatura louve o Senhor", alocução de 26 de Fevereiro de 2003, in *Notitiae* 443-444, 2003, p. 399.

<sup>2</sup> Encontro que celebrava o 45º aniversário do encontro de Paulo VI com os artistas.

<sup>3</sup> Citado em *Le Jour et la nuit, Cahiers, 1917-1952* de Georges BRAQUE, Gallimard, Paris, 1991 (original, 1952).

<sup>4</sup> Não nos debruçaremos aqui na polémica questão do delimitar ou definir o que é "arte sacra", "arte religiosa" ou ainda "arte litúrgica", como acontece, também, com a música. Tomamos o termos "arte

Situar a questão como "a arte depois do Vaticano II" é correr o risco de mal-entendidos, pois deixa planar a incerteza sobre uma unidade de causa a efeito entre um acontecimento e o que se lhe seguiu, o que não deixa de ser equívoco. E difícil, mesmo à distância de quarenta e cinco anos, identificar, com exactidão, entre o que o Concílio efectivamente engendrou e o que estava inscrito na evolução das mentalidades e das práticas sociais e culturais. O que representam hoje as práticas culturais e tudo o que elas encerram, é exercício difícil, pois elas podem constituir um efeito identificável do Concílio mas dependem também duma conjuntura na qual o Concílio não é mais do que um dado entre outros<sup>5</sup>.

Parece-nos judicioso situar a questão do espaço litúrgico (a "igreja") dentro da globalidade a que podemos chamar – a questão da arte sacra; mas não como um balanço, o que nos parece ousado e perigoso, mas como horizonte global onde o espaço litúrgico se torna o lugar do "epifania" do Outro, condição indispensável para a permanência do Outro no devir de todos os dias. Assim, o pensar o espaço aparecerá de forma secundária e re-enviará ao primeiro pensamento sobre o lugar. Trata-se dum movimento do espaço para o lugar. O lugar duma pessoa ou duma "obra de arte" não é de imediato a sua posição no espaço, mas o que lhe permite "ter" lugar. O lugar reúne, recolhe enquanto que o espaço aponta para a dispersão. O lugar não é somente um posicionamento no espaço; para que ele se torne lugar, é necessário que ele seja uma espécie de *ágora* onde a comunidade humana se revela a si mesma pela palavra, a partilha, o culto e o "jogo" (rito<sup>6</sup>). Todo o lugar se torna uma re-colecção e um recolhimento do espaço constituído por uma série de "dispositivos". E todo o lugar se torna um lugar de encontro<sup>7</sup>.

Esta passagem poder-nos-á ajudar a melhor discernir toda a complexidade que se situa à volta do espaço litúrgico para que este não seja reduzido a um jogo de "colocar peças", isto é, distribuir coisas (objectos litúrgicos) e pessoas (ministros e fiéis) ou ainda gestos (atitudes, movimentos) numa celebração<sup>8</sup>. Ele

sacra" como aquela que é apta a servir a liturgia, ou melhor, aquela que é uma ajuda importante para a "visibilidade" do Mistério celebrado, de um modo especial, na Eucaristia.

<sup>5</sup> Esta perspectiva evitará o desencanto de muitos que buscam canons nos documentos conciliares, esquecendo a dimensão universal que os caracterizam como forma de presença da Igreja, revelação do Espírito, em todos os lugares e tempos por um lado, e por outro, todo o caminho feito até chegar a estes textos.

<sup>6</sup> Considerado no sentido de G. Bateson, que combinando etologia, cibernética e psicanálise elaborou uma análise dos ritos como « dispositivos » destinados a um fim. Esta sua análise aparece no seu livro em que estudou as cerimónias do "Naven" – um estranho rito malesiano.

<sup>7</sup> Cf. Jean-Louis CHRÉTIEN, "De l'espace au lieu", *Cahiers de l'Herne* 144, 1983, pp.117-138.

<sup>8</sup> Infelizmente é isto que fazem a maior parte dos arquitectos, engenheiros e sacerdotes ao pensarem num novo espaço litúrgico – um espaço onde uma variedade de coisas e pessoas tem que ser "arrumado". Alguns destes espaços são claramente reduzidos a uma busca formal (arquitectónica) do exterior, por vezes muito bem conseguida, mas o "lugar litúrgico" foi constituído como pura consequência da forma exterior. Ele aparece quase como que um apêndice duma estrutura. ã aqui que peca gravemente a arquitectura religiosa contemporânea em Portugal, salvo raríssimas excepções.

é, antes de mais um lugar de encontro que procura criar as suas próprias relações horizontais e verticais, para que a experiência da fé numa assembleia possa guardar um equilíbrio entre distância e proximidade, distância e afastamento. Este lugar é construído em ordem à *ecclesia* na sua busca de relações a Deus e aos outros, de tal modo que esta seja uma comunidade “de verdad y de belleza, de una experiencia de gracia, de caridad y de paz, de perdón y de redención”<sup>9</sup>. O que fará com que este lugar seja “sagrado” é precisamente o exercício da liturgia que pede que este espaço seja “construído”, num lugar e num tempo, um espaço de relação a Deus – a relação à memória cristã, a relação aos outros e ao mundo no seguimento da Encarnação de Jesus. Este lugar litúrgico deverá, assim, criar o seu “espaço”, o qual é constituído pela tensão do próximo e do longínquo. Exactamente com a “forma” em que é vivido o Tempo do Advento: um “já e ainda não”.

Podemos tomar como ponto de partida, uma vez que ele vai ter uma consequência magisterial, que principalmente depois da II Guerra Mundial, uma reflexão foi continuada e impulsionada pelo cardeal Montini (mais tarde Paulo VI) que com grande amor pela arte, e de um modo particular pela arquitectura, se empenhou na realização de novas igrejas no âmbito da reconstrução. Essa reflexão é herdeira dum movimento que surge nos finais do século XIX e que acompanhou o chamado “movimento litúrgico”<sup>10</sup>, que veio ter expressão máxima no próprio Concílio Vaticano II e que continua o seu caminho

<sup>9</sup> Expressão usada por Bento XVI na homilia da Eucaristia celebrada em Santiago de Compostela, em 6 de Novembro de 2010.

<sup>10</sup> Historicamente a Igreja chegou ao século XIX com um “gosto” acomodado à maneira medieval, clássica e barroca, que pretendia alargar no tempo. Neste momento o início das “vanguardas” estavam totalmente afastadas da realidade artística da Igreja. Assim, esta opta por um pastiche artístico onde a arte que surgia, com novas formas e materiais, não tinha cabimento. Paralela a esta situação se encontrava a extensão das práticas de devoção. A liturgia, louvor ao Pai e celebração “comunitária” da fé da Igreja, foi camuflada ao longo dos séculos e substituída definitivamente no século XIX pela prática particular das devoções e exercícios piedosos. A consequência foi transformar a *Domus Ecclesiae*, que era templo, numa verdadeira galeria anárquica de imagens para as devoções. O altar tinha-se tornado um retábulo, a reserva eucarística centrava a atenção dos fiéis e absorveu toda a importância litúrgico-sacramental ao altar e aos outros espaços celebrativos. Assim, em meados do século XIX, assistimos a uma sensibilidade litúrgica nova perfilada por estudiosos com grande amor à verdade histórica da tradição eclesial e que criam um movimento de força incrível que se conhece como “movimento litúrgico”. O beneditino P. Guéranger (1805-1875) em França, os irmãos Wolter na Alemanha; L. Beauduin (1837-1960) na abadia belga de Mont-César, assim como a de Maredsous... os beneditinos de Maria Laach e O. Casel, o grande teólogo do movimento litúrgico, fazem surgir numerosas publicações sobre liturgia, dedicando-se algumas a difundir uma nova estética de arte sacra marcadamente contemporâneas. Toda a teologia e as linhas mestras do movimento litúrgico que estes e outros homens redescobriam ou actualizaram – regresso às fontes, revitalização do conceito de mistério, teocentrismo, cristocentrismo, e uma liturgia celebrada pelo povo de Deus – seriam plasmadas esteticamente numa nova arte e numa nova distribuição dos lugares sagrados. Destaque-se com relevância o papel do teólogo Romano Guardini e do seu amigo arquitecto Rudolf Schwartz, autor do célebre livro a visitar ou, talvez mais, a descobrir *Vom Bau der Kirche*, Würzburg, 1938 (existe tradução em inglês – tradução de 1958 com o título *The Church*

até hoje<sup>11</sup>. Neste ultimo se corrobora a conjugação duma estética moderna e a teologia litúrgica dos espaços celebrativos.

O Concílio Vaticano II tratou da questão da arte no capítulo VII da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, e diz-nos que os "edifícios da igreja são sinais e símbolos das coisas celestes" (SC 122), mas como é que isto acontece? A originalidade cristã reside fundamentalmente no princípio da sacramentalidade – "unidade entre os dois santuários". Enquanto homens, Deus vem até nós precisamente através da nossa humanidade profundamente enraizada na materialidade deste mundo.

É através das coisas materiais deste mundo, e não nelas, que nasce a possibilidade de encontro com as realidades espirituais. É por vontade divina que toda a Criação, usando a expressão de Dionísio o Areopagita, é uma *teofania* revelando-nos Deus<sup>12</sup>.

*Incarate*, e em italiano: *Costruire la chiesa. Il senso liturgico nell'architettura sacra*).

Arquitectos, artistas e teólogos em diálogo reuniram estas ideias para levaram à prática o espírito que partilhavam e comungavam: voltar ao conceito espacial e celebrativo da *Domus Ecclesiae*, renovar as funções dos lugares celebrativos e construir num novo estilo e com novos materiais. Todo este movimento de renovação litúrgica teve a sua conformação magisterial. Primeiro no motu proprio *Tra le sollecitudini* (1903) de Pio X, tomado como a "carta magna do movimento litúrgico", e depois da II Guerra Mundial, pela *Mediator Dei* (1947) de Pio XII, que abre livremente a via às representações artísticas contemporâneas. A constituição *Sacrosanctum Concilium*, do Vaticano II, corroborará todo este movimento.

<sup>11</sup> Nos últimos anos no Mosteiro de Bose têm vindo a realizar-se vários "Convegno liturgico", em colaboração com o "Ufficio nazionale per i beni culturali ecclesiastici della Conferenza episcopale italiana" sobre a relação – Liturgia, Arquitectura e arte – dos quais têm saído excelentes publicações temáticas, como por exemplo *L'altare misterio de presenza, opera dell'arte, Spazio liturgico e orientamento, Il Battisterio, etc.* (edizione Qiqajon, Comunità di Bose).

A reflexão é contínua, pelo menos em Itália, como por exemplo o congresso e uma exposição subordinada ao tema "Funcionalidade e Espiritualidade do Sagrado Hoje na Arquitectura e Design" realizado a 20 de Fevereiro de 2010, na Biblioteca Sormani, em Milão.

Na nossa vizinha Espanha esta preocupação também esta presente, por exemplo, em Ourense (27, 28 y 29 de septiembre de 2007) realizou-se o I Congresso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporânea e o II nos dias 12, 13 e 14 de Novembro de 2009 tendo com tema: *Arquitectura Religiosa Contemporânea: entre el concepto y la identidad*.

Em Portugal dá-se o caso curioso de recentemente ter sido proposto este tema para tese de doutoramento numa universidade pública em Lisboa e ter sido diplomaticamente julgado "inapropriado"! Também a Universidade Católica Portuguesa tem uma Faculdade de Arquitectura, mas analisado o seu programa de curso (em consulta na internet a 9/11/2010) se constata a inexistência desta reflexão, ou pior ainda, vendo alguns projectos de alunos apresentados no mesmo site – que aparecem como resultado acabado -, é assustador o caminho traçado, pois manifestam objectivamente uma concepção historicisante no repetir, com ar de modernidade, as formas arquitectónicas religiosas até ao século XIX; o impulso dado pela Reforma Conciliar, e uma reflexão aprofundada do Mistério a celebrar está muito longe (um exemplo flagrante é a incompreensão do lugar da presidência, que num caso apresentado, é dupla(!) em perfeita simetria). Há, contudo, um despertar sério para esta reflexão, mas ainda pouco alargado, junto a uma comunidade jesuítica em Lisboa, da qual é reflexo o artigo publicado no site do Secretariado Nacional da Cultura pelo arquitecto João Alves da Cunha, com título: "Apontamentos sobre o dialogo com os arquitectos" (datado de 20.02.2009, ainda em consulta em 24.11.2010, ver: [www.snpcultura.org/tvb](http://www.snpcultura.org/tvb)).

<sup>12</sup> É através das coisas materiais que Deus nos oferece numa comunhão de amor a Sua graça. O pão

A problemática é vasta, pelo que tentaremos delinear, no âmbito restrito dum artigo, as linhas fundamentais de verdadeira reflexão para “construir” uma teologia do espaço litúrgico tal como a Igreja hoje – seguindo o impulso do “espírito do Vaticano II” – nos pede. O início ou prossecução duma verdadeira criatividade na arquitectura religiosa contemporânea tem que ser fundado no movimento litúrgico<sup>13</sup>.

Se olharmos para o panorama português a reflexão sobre esta temática tem sido muito esquivamente pontual e sem consequências materiais (arquitectónicas) na hora de construir novas igrejas ou mesmo de adaptar as antigas.

O Concílio destaca entre as artes, a arte religiosa e de um modo especial o seu vértice que toma forma na arte sacra<sup>14</sup>. Tomando esta a sua expressão no lugar da reunião dos cristãos – a ecclesia – e na decoração deste mesmo lugar que, por natureza própria, tem uma relação com a “infinita beleza de Deus”. Deste modo, esta tem indubitavelmente de ajudar os homens a orientarem-se para Deus e contribuir mais eficazmente ao incremento duma atitude de louvor a Deus e santificação dos homens. O Concílio refere, entre outras, as “mudanças que o progresso da técnica introduziram ao longo dos séculos”, para manifestar a justeza e capacidade de cada corrente artística em tornar presente esta possibilidade de encontro privilegiado entre os homens e o seu Criador<sup>15</sup>.

O Concílio reafirma deste modo o papel “missionário” da arte não a relegando a um detalhe decorativo do espaço litúrgico, mas coloca-a no interior mesmo da liturgia. A “beleza salvara o mundo” é o grito de F. Dostoievski, repetido por João Paulo II na última Carta dirigida aos artistas<sup>16</sup>. Assim os homens de hoje

e o vinho, realidades materiais, sacia-nos do Corpo e Sangue do Senhor; a água lava-nos física e espiritualmente no Baptismo. São estes sinais sacramentais que dão visibilidade concreta a esse amor e graça de Deus em nós (“Tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizeste.” Mt 25, 40).

<sup>13</sup> Cf. Richard HURLEY, “Church architecture: which way to go?” in *The Furrow*, (A journal for the contemporary church), September, 2008, p. 487. O autor é arquitecto e autor do livro “Irish Church Architecture in the Era of Vatican II.

<sup>14</sup> Este “alinhamento” não é meramente retórico, pelo contrário, está subjacente uma dinâmica *inter-relacional positiva* (conceito que merecera posterior reflexão) na produção artística para um assentimento verdadeiro de toda a arte como possibilidade de ser “arte sacra”. Isto é determinante para a compreensão da chamada “arte contemporânea” e sua inserção no espaço litúrgico.

<sup>15</sup> Já o VII Concílio Ecuménico, de Nicéia, refere que “as imagens do Belo, nas quais se torna visível o mistério do Deus invisível, são parte integrante do culto cristão”. O sétimo concílio reuniu-se em Nicéia no ano 787. Foi convocado pela imperatriz Irene e aí foi confirmado definitivamente das imagens. “Para proferir sucintamente a nossa profissão de fé, conservamos todas as tradições da Igreja, escritas ou não escritas, que nos têm sido transmitidas sem alteração. Uma delas é a representação pictórica das imagens, que concorda com a pregação da história evangélica, crendo que, de verdade, e não na aparência, o Verbo de Deus se fez homem, o que é também útil e proveitoso, pois as coisas que se iluminam mutuamente têm sem dúvida um significado recíproco”(DOC 111).

<sup>16</sup> Carta do Papa João Paulo II aos Artistas, “A todos aqueles que apaixonadamente procuram novas “epifanias” da beleza para oferecê-las ao mundo como criação artística”, 1999.

e de amanhã têm necessidade deste entusiasmo para aprofundar e superar os desafios cruciais que se avistam no horizonte.

Aceitamos a hipótese que faz Carlo Chenis no balanço dos 25 anos depois da reforma conciliar quando escrevia: "o balanço que se pode fazer não é muito encorajador"<sup>17</sup>. Acrescentava, ainda, que o princípio da inculturação e da "descentralização", nos documentos do post-concílio não deram normas detalhadas, ainda que apresentassem critérios e fossem um guia. A crítica contra formas "depravadas" e inadequadas para o uso do culto conduziram à realização de muitas obras contemporâneas de medíocre qualidade ou meramente funcionais. Podemos dizer, sem grande dificuldade, que em Portugal, a arte religiosa pautou-se, e continua a pautar-se (!) pelo "sulpicianismo", que entre nós se traduz ainda por "de braga"<sup>18</sup>. Diríamos que num primeiro tempo o tactear na busca de formas conduziu em muitos casos a esse caminho, mas também poderemos dizer que no caso concreto português e, sobretudo, no que diz respeito à arquitectura religiosa, foi exactamente nos primeiros tempos post-conciliares, e mesmo ainda antes, que se verificou um empenhamento consecutivo àquilo que foi proposto no próprio Concílio. Entre os incunáveis da arquitectura religiosa contemporânea em Portugal, e a lista não é exaustiva e muito rápida, podemos referir: a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa (edificada nos anos sessenta com projecto de Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas); a igreja da paróquia de Almada (1967, arquitecto Nuno Teotónio Pereira e Luís Almeida Moreira); a Igreja da Paróquia de S. Jorge de Arroios (Lisboa); a Igreja nova de Paço d'Arcos (Dedicação: 24 de Agosto de 1969); a Igreja de Nossa Senhora da Boavista, Porto (1975-79, do arquitecto Agostinho Ricca Gonçalves); a capela do Escola Prática de Engenharia de Tancos (Entroncamento) e, antes do Concílio, a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Lisboa (arquitecto Pardal Pinheiro, inauguração a 13 de Outubro de 1938) ou ainda a capela de Nossa Senhora de Fátima, Picote (1958, obra do arquitecto Manuel Nunes de Almeida). Mais recentemente, assistimos a algumas construções que, de uma forma ou outra, pecam nalgum aspecto de modo a resistirem a uma síntese global que façam delas uma referência totalizante. Por vezes temos igrejas

<sup>17</sup> Carlo CHENIS, *Fondamenti teorici dell'arte sacra. Magistero post-conciliare*, LAS, Roma, 1991, p. 189.

<sup>18</sup> Em Janeiro de 1937, o padre dominicano Marie-Alain Couturier escrevia na revista *A Arte Sacra*: "Queremos... proteger o renascimento, ainda frágil, da arte crista contra os perigos que a ameaçam e que são devidos às suas condições espirituais como às suas condições materiais...". Nas últimas décadas do século XIX, a Igreja Católica (em França e mais genericamente na Europa; e acrescentamos, – presença continua até hoje em Portugal) viu florescer uma arte "religiosa", chamada "de Saint-Sulpice", que invadiu as igrejas e se difundiu massivamente nos países de missão... Clérigos ou religiosos, pouco sensíveis às questões artísticas, foram tentados pelos catálogos de objectos de culto fabricados em série, baratos, devido às novas técnicas de impressão que multiplicaram as "imagens". Foi por reacção a esta situação que um certo numero de escritores (P. Claudel, Huysmans) e de artistas (Maurice Denis, Georges Descallières), suscitaram através dos seus escritos a criação de ateliers de artistas muito activos, pelo menos até à II Guerra Mundial."

que são uma obra arquitectónica exterior de referência, onde a busca de significado se insere numa actualidade enraizada na verdadeira tradição cristã, mas falta-lhe, interiormente a garra do espírito conciliar na forma litúrgica que o mesmo preconiza, ou vice-versa – o que é muito mais raro.

A celebração litúrgica tem de facto uma *dimensão transcendente* (normalmente resolvida arquitecturalmente na verticalidade ou num trabalho apurado sobre a luz) e uma *dimensão sugestiva* ou de *relatio*. Por transcendente entendemos aquela dimensão que remete ao mistério de Cristo na sua "objectividade" que a liturgia celebra e na qual Ele se comunica. Objectividade essa que não pode ser esgotada em nenhum lugar nem em nenhum tempo e que vive na Igreja, no seu fazer Memória e na sua Tradição. A dimensão sugestiva é, ao contrario, a percepção deste mistério de Cristo vivo através dos tempos e dos diversos lugares<sup>19</sup>, isto é dos espaços litúrgicos, ou "domus ecclesia", onde o homem de cada tempo se revê no seu existir enquanto chamado por Deus a esse encontro privilegiado em que o Senhor se da em totalidade na comunhão ou relação fraterna, com os irmãos.

Podemos mesmo ir mais além colocando a hipótese de encontrar estas dimensões no próprio conceito de beleza. Vladimir Solov'ev define a beleza como "a encarnação em formas sensíveis nas quais o próprio conteúdo ideal que prima de tal encarnação se chamava bem e verdade"<sup>20</sup> Assim, a arte tem também uma objectividade existente, como o tem a verdade e o bem, mas ao mesmo tempo desenvolve no homem um fascínio e uma atracção que pede para ser ouvida. "O bem e a verdade, para se realizarem verdadeiramente, devem tornar-se no homem uma força criadora capaz de transfigurar a realidade e não só de reflecti-la"<sup>21</sup>.

A beleza<sup>22</sup>, é pois, uma realidade penetrada do bem e da verdade. Neste sentido, podemos compreender a verdadeira beleza que se torna presente no

<sup>19</sup> Cf. Jean CORBON, *Liturgia alla sorgente*, Qiqajon, Magnano, 2003, pp. 119-135. Cf. Robert TAFT, "Lo sforzo missionario delle Chiese orientali come un esempio d'inculturazione" in idem., *A partire dalla liturgia*, Roma, 2004, pp. 105-126.

<sup>20</sup> Vladimir SOLOV'EV, "il significato universale dell'arte", *Il significato dell'amore e altro scritti*, La casa di matrona, Milano, 1983, p. 220.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 224.

João Paulo II no discurso que fez aos músicos da Orquestra Nacional Russa, a 31 de Outubro de 1991 dizia: "A arte exige não só engenho, mas pede também um continuo superar-se a si mesmo, paixão e vontade tenaz. Exige que se faça apelo àquele património do bem e do belo que cada homem traz dentro de si e que encontra em Deus a sua raiz última e mais profunda." In *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIV, 2, 1991, Libreria Editrice Vaticana, 1993, p. 1049.

<sup>22</sup> Não nos detemos na dificuldade de precisar o conceito pois neste contexto não se impõe necessariamente. Contudo, parece-nos pertinente lembrar a "justificação" apresentada por René HUYGHE na abertura da obra *El arte y el Hombre*. "Conhecer melhor o homem, mas além disso fazê-lo sentir melhor e partilhar a sua incessante busca da qualidade." (Itálicos do autor) – Editorial Planeta, Barcelona, 1965, p.4. Na continuação da leitura deste texto podemos dizer que, segundo o autor, este é um modo do homem conhecer a verdade.

espaço litúrgico enquanto a própria liturgia é manifestação e celebração da verdade e do bem que salvam e transfiguram o homem. “A beleza espiritual constitui na liturgia aquela linguagem que por um lado esta aberta ao sobre-individual, ao comunitário, ou mesmo ao universal, e por outro lado acessível ao homem. A própria beleza imprime à arte litúrgica um carácter “sacerdotal”, isto é de serviço, de ministerialidade”<sup>23</sup>. Aqui aparece, também no momento Eucarístico, a realização explícita do que é o edifício sagrado onde se celebra verdadeiramente, pois aparecera como categoria de sinal a *imagem da Igreja reunida* (IGMR 294). Em causa estará um simbolismo de alcance escatológico, porque o próprio edifício de culto, revestido de dignidade e beleza, será *sinal e símbolo das realidades celestiais*<sup>24</sup>. Unidade intrínseca e imperativa entre as duas dimensões que referimos e explicitamos.

Assim o espaço da comunidade que celebra é símbolo da Igreja como o expressa claramente o Prefácio II da Missa do comum da Dedicção de uma Igreja:

*Nesta casa visível, que nos destes a graça de construir,  
incessantemente concedeis os vossos favores  
à vossa família, que, neste lugar, peregrina para Vós.  
Aqui nos dais o sinal admirável da vossa comunhão convosco  
E nos fazeis participar no mistério da Vossa Aliança...  
... aqui edificais o templo, que somos nós.”*

A dimensão transcendente estará sempre ligada ao elemento escatológico que na arte para a liturgia devesse ser cuidada de modo significativo-expressivo. Este elemento tem sido pouco cuidado até porque tem sido objecto de pouca reflexão. Talvez seja por isso que a linguagem da arquitectura e das realizações artísticas ao serviço do culto nestes últimos, quase cinquenta anos, é pouco eloquente, isto é, falta-lhe expressividade simbólica-sacramental.

A linguagem arquitectural religiosa ou duma obra de arte para o culto vem unir-se, formando uma unidade perfeita, com a linguagem litúrgica, elevada à categoria de símbolo. Por isso a liturgia tem de ser representação e imagem do que é divino<sup>25</sup>. Buscar a raiz desta realidade é encontrar na vertente simbólica a criatividade da arte para o culto.

Sobre as divergências que poderão ser suscitadas na aproximação da arte com base no termo “beleza” veja-se Yolanda ESPÍÑA, “A beleza: Natureza ou Cultura?” in *Humanística e Teologia*, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2006, 27, pp. 213-225.

<sup>23</sup> Marko Ivan RUPNIK, “Applicazione del Concilio: quale arte per la liturgia?”, *Notitiae* 471-471, 2005, p. 580.

<sup>24</sup> Cf. Prefácio I da Missa do comum da Dedicção de uma Igreja:

*“Nesta casa se anuncia o mistério do Templo verdadeiro  
E se prefigura a imagem da celeste Jerusalém.”*

<sup>25</sup> Cf. Glauco GRESLERI, “Estetica dall’altare” in F. DEBUYST, Paul DE CLERK (ed.), *L’altare, mistero di presenza, opere dell’arte*, Comunità di Bose, 2004, pp. 233ss.

### Unidade exigente: altar, ambão, presidência<sup>26</sup>

A imagem mais perfeita do que acabamos de dizer vemo-la nos três elementos básicos que "estruturam" a celebração: o altar, o ambão e a presidência. O número 259 da IGMR (do Missal 1992), afirma: *O altar, em que se torna presente sob os sinais sacramentais o sacrifício da cruz, é também a mesa do Senhor*. Este é, pois, "o centro da acção de graças celebrada na Eucaristia". Ele deve ser fixo e dedicado (cf. CB 48). Aparece, assim, claramente a sua função prática e simbólica com força que, para a arquitectura, será estrutural e estruturante, imediatamente associado ao ambão e a presidência, que se recomenda que sejam benzidos. No livro da Celebração das Bênçãos (1991, Edição Típica de 1984) aparece no capítulo XXVI a *Bênção para a inauguração da catedral ou sede presidencial, do ambão, do sacrário, e do lugar para a celebração do sacramento da Penitência*.

Vemos, pois que é em razão da dignidade da Palavra de Deus que esta é proclamada a partir do ambão ao qual a Ordenação Geral das leituras da Missa (segunda edição) dedica os números 32 a 35. Também este deve ser "estável e não simples estante" (IGMR 272). A sede presidencial deve manifestar a função do celebrante simbolizando a sua função de presidir à assembleia litúrgica e de dirigir a oração do povo (cf. LB 880; cf. IGMR 271), excluindo qualquer forma de trono. Esta relação entre os três pólos do presbitério suscita que a nível estrutural e formal haja uma unidade a nível de textura, desenho e material. Deste modo, se daria visibilidade, num simples olhar, a mutua relação entre eles, como lugares onde se realizam os sacramentos: os elementos do banquete, a Palavra de Deus e o ministério sacramental. O povo de Deus, colocado e disposto de forma cuidada<sup>27</sup> (cf. IGMR 273), alcança, no edifício sagrado onde celebra, a categoria de sinal, quer dizer, uma imagem da Igreja reunida, a verdadeira

<sup>26</sup> Ver José Manuel PEREIRA RIBEIRO GOMES; *Liturgie et architecture. L'aménagement de l'espace liturgique*, Mestrado em Teologia, com especialização em Liturgia e Teologia Sacramental, Institut Catholique de Paris, 1992.

<sup>27</sup> Arquitectonicamente verificam-se duas tendências, ambas redutoras da globalidade requerida para a concretização desta "imagem". Partir do exterior para entrar na Igreja leva a que estes espaços de concretização exigente sejam tratados como polaridades. Ou se fixa o presbitério e "arrumam-se" os fiéis no espaço livre, ou organiza-se o espaço da assembleia e "arruma-se", isto é, empurra-se para um canto o presbitério. Nem mesmo as formas mais arrojadas escapam a este dualidade. Um dos casos flagrantes acontece quando é usada a forma circular, que é aquela que se impõe progressivamente, e bem, quando se pensa num espaço global com uma assembleia de "circunstâncias". Contudo, rapidamente se verifica uma falta de reflexão teológica para situar os três pólos essenciais sem os quais a assembleia não será *ecclesia*. A solução arquitectónica é então a do "queijo enxertado" e "risco ao meio", isto é, o presbitério é encostado a um dos lados e um grande corredor ao meio impõe-se – determinando, estruturalmente, os da direita e os da esquerda. Imagem pobre e redutora que disfarça com ares de modernidade um espaço em que a liturgia se vê constringida a formas estruturais que a impedem de ser uma fraternidade de irmãos em que todos são "celebrantes".

ecclesia (IGMR 294). Nesta Igreja todos tem a mesma acessibilidade "com a vista e com o espírito" (IGMR 273) atingindo, deste modo, um simbolismo de alcance escatológico, porque este edifício cuidado, adornado de dignidade e beleza é *sinal e símbolo das realidades celestiais*.

A celebração eucarística está, intrinsecamente, vinculada à dimensão escatológica da fé crista. Na Eucaristia, há pois, uma lógica de Ascensão: "Esse Jesus que subiu ao céu, assim há-de vir..." (Act 1, 11). Neste, o Senhor "há-de vir", se antecipa sacramentalmente a sua vinda gloriosa, transformando a realidade profunda "deste pão e deste vinho" na sua condição de sinais da sua presença e mediação de comunhão com a sua Pessoa.

Este horizonte teológico, a nunca esquecer, devera ser a tonalidade da música que é a arte. Esta última exige uma sincera expressividade (a não confundir com realismo, que por vezes esconde incapacidade artística) e consciência ministerial, isto é de serviço. Ela busca, pois a verdade das coisas que tem expressão no coração dos homens, com-criadores com Deus<sup>28</sup>.

É um princípio claro na Sacrosanctum Concilium, fruto do Movimento Litúrgico, que os fiéis estejam sempre implicitamente na assembleia celebrante, como membros activos através duma participação como baptizados portadores da presença do Espírito e beneficiários da acção salvadora de Cristo. Para uma concretização efectiva desta participação contribui a arte sacra, no verdadeiro sentido teológico deixado bem claro depois de S. João Damasceno. Será por isso que o número 124 da SC ao excluir "a mediocridade e falsidade da arte" lhe confia a tarefa de facilitar e mesmo estimular a aplicação da doutrina da participação activa que é fio condutor em toda a Constituição. Duma outra forma, poderemos dizer que estes princípios terão de orientar a arte sacra com tal rigor para que as obras de arte, particularmente os edifícios, "sejam aptos para a celebração litúrgica e para que seja conseguida uma verdadeira participação activa dos fiéis".

<sup>28</sup> É aqui que, certamente, que alguns autores buscam o fundamento para dizer que "Toda a arte tem em si algo de sagrado". Ver Yolanda ESPÍÑA, "Arte sacro y libertad de creación." in *Arte, música y sacralidad*, Susana MORENO FERNÁNDEZ (ed), Valladolid, Universidad de Valladolid – SITEM-Glares, 2006, pp. 99-109.

"O homem deu nome..." (Gen 2, 20). Aquele que confia no Senhor será capaz de "dizer" de Deus algo para ao homem (cf. Ex 4, 11-12. 15. Este dizer humano tem muitas formas. A verdadeira arte, diz sempre mais do que o balbuciar duma intencionalidade em palavras sempre insuficientes. Ver P.-M. Léonard, "Art et spiritualité" in *Dictionnaire de Spiritualité* I, dir. Marcel VILLER, Paris, Beauchesne, 1937, 899-934. O artigo situa, num primeiro tempo «L'oeuvre d'art au sens plein qui implique une expression de l'esprit dans la matière», c. 900. «Art et religion sont comme deux branches inégales d'une même racine éternelle. L'expérience esthétique est une obscure saisie de Dieu.», c. 926.

«Pela arte, o que está na alma toma forma, faz-se uma realidade visível; pela arte, a realidade visível, até aqui unicamente física, toma um sentido humano e adquire uma alma. Maravilhoso e fecundo intercâmbio donde nasce uma terceira realidade, que é por sua vez o homem e o mundo, que participa de ambos e os une, levando-os ao mesmo tempo a um grau superior de existência, o da beleza.» René HUYGHE, "El arte, su naturaleza y su historia" in *El arte y el Hombre*, op. cit., p. 20.

## Princípios para uma definição da teologia do espaço

Como opção metodológica intenta à nossa abordagem parece-nos pertinente partir dum documento apresentado pela Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos: *Suggerimenti e Proposte*<sup>29</sup>, pois este faz uma leitura do acontecimento salvífico em concretizações efectivas para a vivência do Mistério, ajudando, assim, a perspectivar o horizonte dentro do qual essa realidade toma forma.

Partimos do número dois: "Contexto cultural", pois pode-nos ajudar numa definição do espaço onde se situa o coração da economia sacramental que é a Eucaristia; não esquecendo que a mesma forma ritual prevê ou prescreve, excepto para a Penitência, que os sacramentos sejam ou possam ser celebrados inseridos na celebração da Eucaristia<sup>30</sup>. Além disso, está previsto que a Liturgia das Horas possa ser harmonizada com a celebração eucarística (cf. IGLH, 93-97). Mas não esqueçamos que os sacramentais, como a bênção dum abade ou abadessa, a profissão religiosa, a consagração das virgens, a instituição dos ministérios instituídos ou extraordinários, as exéquias, encontram o seu contexto normal durante a Missa. Logo, pensar a "casa da Igreja" é também, e sobretudo, pensar nas acções que decorrem destes momentos de celebração; é criar "espaço" efectivo para poder concretizar "com nobre simplicidade" estes acontecimentos de manifestação salvífica de Deus em favor dos Homens. Mais ainda, a dedicação duma igreja e do altar acontecem com a celebração da Missa. Há ainda outras bênçãos que se podem fazer durante a Missa<sup>31</sup>. Também se verifica que há outras bênçãos, actos de culto, práticas de devoção, que não sendo inseridas na Missa<sup>32</sup> (pense-se, nomeadamente, na oração da Via-Sacra, pois esta tem uma consequência efectiva na "decoração" da própria igreja, para não aparecer, quase sempre, como algo apostroado no espaço que sobra!) têm uma relação com ela, pois não existe oração cristã que não tenha uma referência a essa expressão máxima da oração da Igreja<sup>33</sup>. A pluralidade e diversidade em gestos e movimentos e implicação de "ministros" ou "actores na celebração", e ainda presença de elementos pontuais (cruz processional, candelabros, círio pascal, cartazes, arranjos florais...), exigem uma visão alargada de conjunto para

<sup>29</sup> Publicado a propósito do Motu Proprio de João Paulo II, *Mane nobiscum Domine*, (7 de Outubro de 2004) para ajudar e guiar a Igreja a celebrar o Ano Eucarístico (de Outubro de 2004 a Outubro de 2005), in *Notitiae* 457-458, Vol. 40 (2004), n. 9-10, 510-552.

<sup>30</sup> Cf. *Praenotanda* das várias Ordines; *Redemptionis Sacramentum*, 75-76; *CIC* 1324 citando *PO* 5.

<sup>31</sup> Cf. *Ordo coronandi* imagem B.M. Virginia; *De Benedictionibus*, 28.

<sup>32</sup> Cf. *De Benedictionibus*, 28; *De Sacra comunione*, 83; *Redemptoris Sacramentum*, 75-79; *Direttorio pietà popolare*, 13, 204.

<sup>33</sup> A multiplicidade das formas de oração privada assim como as várias expressões de piedade popular, realizam, de facto, o sentido genuíno de predispor para a celebração eucarística ou são um prolongar efectivo desta no quotidiano.

que o *fixismo* ou a exiguidade espacial não seja coercitiva em relação à finalidade para o qual ele “deve” ser criado<sup>34</sup>.

Todo este “agir” cristão exige do espaço em que é celebrado condições de “funcionalidade” e de significado que são a considerar no momento de modelar a *ecclesia*. Este horizonte existencial da comunidade crente tem que ser conhecido e tomado em consideração por aquele que é chamado a dar forma ao edifício igreja – o arquitecto. Contudo, se neste agir há, materialmente, formas a considerar e espaços tridimensionais a determinar, há que ir mais além pois a *ecclesia* exige mais; ela orienta-se para um além (dimensão escatológica) que ultrapassa toda a perfeição “material”, isto é, ela busca a manifestação sensível do acto salvífico do Pai por Cristo e em Cristo.

Esta visão de conjunto, que aponta para uma “quarta dimensão”, tem um caminho experimentado em boas práticas arquitecturais que ajudam certamente a uma busca exacta do “espírito” conciliar e que o exercício litúrgico depois da introdução do Missal de Paulo VI corrobora harmoniosamente<sup>35</sup>.

Assim, poderemos apontar alguns elementos, mesmo que não exaustivos, que ajudem a uma abordagem do edifício igreja para que este seja de facto aquilo que lhe é pedido. Podemos, pois, dizer, que para além do princípio arquitectural que é escolha, ou melhor, a concretização da inspiração do arquitecto, a casa dos cristãos terá de responder a uma “espiritualidade arquitectural” fundada numa espiritualidade eucarística em que o sacramento do Corpo de Cristo é dilatado em vista à edificação do Seu corpo que é a Igreja.

As considerações a fazer estão ancoradas no próprio Missal que por sinais e ritos, até às palavras, nos pode indicar um caminho seguro e abundante de inspiração, que é também alimento. Sem exaustão, não possível no contexto deste trabalho, mas como princípios seguros, apontaremos os seguintes:

#### a) A escuta da Palavra<sup>36</sup>

A conclusão de cada leitura da Sagrada Escritura diz-nos da importância que sai da boca de Deus<sup>37</sup>, e que o faz sentir não como texto longínquo, mas

<sup>34</sup> Impõe-se pois o que chamamos “espaço de criatividade” onde será inserido grande parte destes acontecimentos salvíficos e a exigente “*mutação ou caracterização*” na vivência de cada Tempo Litúrgico. Ver José Manuel PEREIRA RIBEIRO GOMES, *Liturgie et architecture: une nouvelle architecture pour un nouveau programme liturgique*, Institut Catholique de Paris, 2003.

<sup>35</sup> Paul DE CLERCK no seu artigo “La liturgie a-t-elle besoin d'une réforme permanente?” na revista *La Maison-Dieu*, 260, 2009/4, pp. 211-226, propõe este tipo de abordagem com uma proposta complementar: “A música, mas também as buscas no campo da arquitectura para a liturgia que, neste últimos anos, fez progressos consideráveis, deixando, enfim, de se limitar ao plano basilical. Uma das pistas de investigação interessantes é aquela que tenta integrar, no espaço litúrgico, a dinâmica dos sacramentos de Iniciação Cristã.” p. 225. Este aspecto de evolução sadia da arquitectura para a celebração litúrgica do post-concílio foi por nós estudado na tese de doutoramento apresentada no Institut Catholique de Paris: *Liturgie et architecture: une nouvelle architecture pour un nouveau programme liturgique*, 2003.

<sup>36</sup> “Palavra do Senhor”, “Palavra da Salvação”.

como palavra viva com a qual Deus nos interpela no hoje da nossa existência<sup>38</sup>. Reunidos em assembleia litúrgica para escutar o que Deus nos tem a dizer, Ele fala aqui e agora, a nós que o escutamos com fé, crendo que somente Ele tem palavras de vida eterna.

Neste momento de escuta, toda a atenção da assembleia se deve dirigir espontaneamente para o ambão. Este tem lugar próprio arquitecturalmente definido como já referimos anteriormente. Este lugar deve ser único e permitir, com à vontade, o posicionamento dos ministros (que podem ser dois, ou mais – pensar na procissão do Evangeliário). A precaução, mesmo em termos de segurança, sugere que colocá-lo como interrupção de degraus (normalmente de acessibilidade ao presbitério) não será a melhor forma; dando-lhe quase sempre um ar de intromissão, por vezes, abusiva, no conjunto. O lugar da Palavra tem exigências específicas e toma relevo diferente segundo os Tempos Litúrgicos. O seu “adorno”, em diferentes momentos, terá de ser ponderado espacialmente de forma a que este não apareça anedótico ou insignificante<sup>39</sup>.

Podemos, pois, por exemplo, olhar para as igrejas protestantes que, arquitecturalmente, manifestam em força, de modo unívoco, esta dimensão; não para copiar mas perceber o sentido a dar a este lugar da Palavra.

#### **b) Conversão<sup>40</sup>**

A dimensão penitencial está bem presente na celebração eucarística. Esta estimula à conversão e purifica o coração penitente que aspira continuamente ao perdão de Deus. Há, pois, um confrontar-se contínuo em palavras, actos e omissões com o Evangelho.

Ver, com transparência, as nossas misérias liberta-nos da auto-comiseração mantendo-nos na verdade diante de Deus, mostrando-nos o caminho que nos espera abrindo-nos, pois, ao louvor e à acção de graças. O apelo contínuo de Jesus é a reconciliação com o irmão, antes de colocar no altar a oferta (cf. Mt 5, 23-24). Sem a determinação contínua em realizar este propósito a Eucaristia perdera uma das suas dimensões profundas. Arquitecturalmente esta abordagem é também possível e está continuamente presente nalgumas igrejas.

<sup>37</sup> Cf. IGMR 9.

<sup>38</sup> Estamos num contexto de um verdadeiro “diálogo de Deus com o seu povo, dialogo no qual são proclamadas as maravilhas da salvação e continuamente propostas as exigências da Aliança” (*Dies Domini*, 41, Carta Apostólica de João Paulo II, 31 de Maio de 1998).

<sup>39</sup> Para estudo aprofundado ver: Goffredo BOSELLI (a cura di), *L'Ambone, Tavola della parola di Dio*, Atti del III Convegno liturgico internazionale, Bose, 2-4 giugno 2005, Bose Ed. Qiqajon, 2005.

<sup>40</sup> “Irmãos, para celebrarmos dignamente os santos mistérios, reconheçamos que somos pecadores.”, “Senhor, Cristo, tende piedade de nos”, “Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nos”, “Senhor eu não sou digno de que entreis...”

### c) Memória<sup>41</sup>

Desde o Pentecostes que a Igreja tem vindo a cumprir o mandato de Cristo “Fazei isto em memória de mim” (1 Cor 11, 24-25; CIC 1356). A Eucaristia é, pois, num sentido específico, “memória” da morte e ressurreição do Senhor. Celebrar a Eucaristia na Igreja é fazer memória de Cristo, do que fez e disse, da sua encarnação, morte e ressurreição e ascensão ao céu. Faz-se memória do que Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, fizeram e fazem pela humanidade inteira; da criação à re-criação em Cristo, na esperança da sua vinda no final dos tempos para recapitular em si todas as coisas.

Sem esta dimensão de memorial, em atitude de espera<sup>42</sup> – “de novo há-de vir” – não se encontrara o edifício igreja na plenitude do seu sentido<sup>43</sup>. No “memorial” eucarístico, fazendo passar nele toda a nossa vida, predispono-nos a fazer memória em atitude de acção de graças por todos os dons recebidos de Deus em Cristo Jesus. Esta dimensão de “gratuidade” é vivida em conjunto com o sentido de “responsabilidade”, empenhamento numa acção quotidiana que aqui, neste espaço da *ecclesia*, tem também que ter expressão.

Aqui se abre caminho a uma reflexão, sempre a fazer, que o âmbito deste artigo não pode contemplar, que é considerar o homem de hoje na totalidade do seu *modus vivendi*<sup>44</sup> e a expressão dessa realidade na “sua casa” – a igreja – para que não se sinta um estranho. Este aspecto não pode estar alheio no momento profundo em que o homem se entrega em transparência ao seu Deus

<sup>41</sup> “Celebrando agora, Senhor, o memorial da paixão redentora do vosso Filho, da sua admirável ressurreição e ascensão aos Céus”. (Oração Eucarística III).

<sup>42</sup> Desenvolvemos pormenorizadamente as características desta “Eglise d’attente” no nosso trabalho *Liturgie et architecture: une nouvelle architecture pour un nouveau programme liturgique*, Institut Catholique de Paris, 2003, A casa da Igreja não pode ser um edifício “acabado” pois o verdadeiro edifício é o povo de Deus congregado em nome do Senhor – “as pedras vivas do templo do Senhor”.

<sup>43</sup> Dai o risco das abordagens em termos de design, sobretudo para o mobiliário litúrgico, que podem obrigar a um fixismo, para não se criar um desequilíbrio formal e estético, pois não convém a uma liturgia que vive de Tempos Litúrgicos, cada um com as suas características próprias, muitas vezes a identifica-los por “estruturas” temporárias. Ou, ainda, celebrações específicas que exigem uma articulação flexível do espaço a utilizarem. Dai a importância do que chamamos “espaço de criatividade”.

<sup>44</sup> Esta locução latina (utilizada pela primeira vez por Cícero, *De re publica*, I, 34) significa literalmente “modo de viver” ou “estilo de vida”. Sinónimo em inglês de *way of life*. É um termo que tomou grande importância sobretudo na sociologia da habitação – habitat. Habitar, significa, pois, desenvolvimento de múltiplas actividades, em geral codificando a *privacy*, “num espaço-território estruturalmente organizado”. Todo a modernidade teve consequências importantes na urbanização e portanto na determinação deste habitat humano (Cf. Gino GERMANI, “Modernization and Urbanization” in *The New Encyclopaedia Britannica*, 24, 15th edition, 1985, pp. 255-266). A civilização de hoje, onde se situa o homem que é chamado à Salvação, determina um tipo de relações que logo na família são determinantes para o *modus vivendi* de cada um (Por exemplo Alberto GASPARINI no seu livro *La sociologia degli spazio. Luoghi, città, società*, Roma, Carocci editore, 2000, apresenta o habitar como uma metáfora e como condição de vida que está no centro da experiência do homem, seja no campo privado seja no público, seja como possibilidade de ver os êxitos da própria acção ou quando tal empenho pessoal produz efeitos indirectos ou não directamente visíveis.)

que o chama a viver na plenitude dos seus dons, isto é, na sua verdade. A casa da igreja não poderá ser uma “impessoalidade” colocando o fiel numa outra realidade onde tudo seria perfeito. O caminho de santidade a percorrer começa por assumir a “mundanidade” do existir humano, isto é, fazer memória da realidade a transfigurar em Cristo. Assim, podemos dizer que a casa – igreja – é um lugar que a fé vem habitar<sup>45</sup>. Querendo dizer que a realidade profunda que marca do interior o lugar da celebração crista é uma fé “habitável”, e isso deve acompanhar qualquer reflexão a fazer hoje sobre esse lugar, pois esse paradigma nos indicará o seu sentido e “forma”, e ainda, apresentar-se-á como critério de avaliação da sua autenticidade.

#### d) **Sacrifício**<sup>46</sup>

A Eucaristia é o sacramento pascal de Cristo. Toda a vida de Jesus, desde a Encarnação, é um constante desejo de configuração à vontade do Pai, tendo o seu ápice no Calvário: “cada vez que o sacrifício da cruz, “com o qual Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado” (1 Cor 5,7) é celebrado no altar, efectua-se a obra da nossa salvação.” (LG 3; CCC 1364).

No sacrifício do altar está realmente presente este único sacrifício. Na verdade, “o sacrificio de Cristo e o sacrificio da Eucaristia são um unido sacrificio.” (CCC, 1367). Na Eucaristia a Igreja oferece o sacrificio de Cristo oferecendo-se com Ele (cf. SC 48, IGMR 2; *Ecclesia de Eucharistia* 13). Nesta dinâmica sacramental a nossa participação deve, pois, levar consigo a própria oferta da nossa existência. Esta participação deve ser real, e na nossa abordagem, ela implica a interpelação de todas as nossas formas sensoriais e de inter-relação que o espaço físico onde nos situamos devera facilitar e promover<sup>47</sup>.

A dimensão sacrificial da Eucaristia implica, pois, toda a vida. “Neste pão e neste vinho toda a terra a ti se oferece” – é o levar de toda uma existência onde também o sofrimento e o empenho em viver cada vez mais conforme a Cristo e segundo os seus mandamentos, estão contidos no “surgir luminoso” dessa materialidade feita transcendência a colocar com determinação e *souplesse* sobre a mesa do sacrificio. A grandeza deste “luminoso” inclui e ilumina tudo o que o homem traz – trabalhos, tristezas, alegrias, fracassos e sucessos – mas

<sup>45</sup> Cf. DEBUYST Frédéric, « L'église: un lieu que la foi vient habiter » in *LMD* 197, 1994, pp. 25-38. SCHEWEBEL Horst, «Espace liturgique et expérience humaine » in *LMD* 197, 1994, pp. 39-61. A sua análise é elucidativa e apresenta claramente três categorias antropológicas importantes ligadas à arquitetura que são determinantes na organização de qualquer espaço habitável e que o espaço litúrgico inclui forçosamente (cf. p. 50).

<sup>46</sup> “Isto é o meu corpo. Este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança”, “Nós Vos oferecemos este sacrificio de louvor por si por todos os seus” (Oração Eucarística I), “Nos Vos oferecemos em acção de graças, este sacrificio vivo e santo.” (Oração Eucarística III).

<sup>47</sup> Ver, sob o título “Voir, Entendre, Goûter”, a revista *LMD* 187 (1981), *LMD* 188 (1991).

também tudo o que o homem quer levar segundo uma Nova Luz – realizar a sua missão de esposo, pai, filho; a dedicação ao ministério para o bispo, o padre, o diácono; o testemunho da vida consagrada; o sentido “cristão” da dor física e do sofrimento moral; a responsabilidade de edificar a cidade eterna, nas varias dimensões que isso implica, à luz dos valores evangélicos<sup>48</sup>.

Esta dimensão sacrificial é um aspecto importante da Eucaristia mas sem ser totalizante. A *Instrução Geral do Missal Romano*, de Paulo VI, sublinha a concepção da missa como “memorial”. Restabelecer o valor do sacrifício na sua dupla dimensão existencial (“acontecimento”) e eucarístico (“ritual”), propósito de alguns autores, associando a visão de Louis-Marie Chauvet que interpreta “Le sacrifice comme échange symbolique”, como “procès symbolique de négociation” e como meio de “encontrar a boa (justa) distancia”<sup>49</sup> será possível uma definição material do próprio altar numa forma (e medida) sobretudo “humana” (a distancia justa).

Esta dimensão sacrificial constitui um tema dos mais controversos em teologia litúrgica e manter o “status quo” dum movimento que é pendular, fará com que a sua resolução se faça pastoralmente caso a caso<sup>50</sup>. A absolutização máxima do aspecto sacrificial faz sobretudo gerar altares de formas descomuns, perdendo todo o sentido de comunhão, onde as distâncias são desmesuradas e mesmo separatórias<sup>51</sup>, afastando a dimensão de fraternidade que o Senhor partilhou com os discípulos na “sala alta” na “véspera da Sua morte”, onde todos celebram, e não somente o sacerdote<sup>52</sup>.

### e) Acção de Graças<sup>53</sup>

Na véspera da sua paixão, quando Jesus instituiu a Eucaristia, tomou o pão, *deu graças*, abençoou-o e distribuiu-o pelos seus discípulos... Esta acção de

<sup>48</sup> Cf. Alocução de João Paulo II, “A Eucaristia, celebração terrena da Glória de Deus”, 27 de Setembro de 2000, in *Notitiae* 412-413, 2000, pp. 525-527.

<sup>49</sup> DONDELINGER Patrick, “Le sacrifice” in *LMD* 221 (2000/1), p. 137.

<sup>50</sup> Para uma visão global da problemática ver Patrick DONDELINGER, *idem*, pp.129-148.

<sup>51</sup> O exagero na extensibilidade formal do altar cria uma separação altamente vincada entre fiéis e ministros.

<sup>52</sup> CIC §1383: O altar, à volta do qual a Igreja se reúne na celebração da Eucaristia, representa os dois aspectos dum mesmo mistério: o altar do sacrifício e a mesa do Senhor, e isto tanto mais que o altar cristão é o símbolo do próprio Cristo, presente no meio da assembleia dos seus fiéis, ao mesmo tempo como vítima oferecida para a nossa reconciliação e como alimento celeste que se nos dá. «Com efeito, o que é o altar de Cristo senão a imagem do corpo de Cristo?» – pergunta Santo Ambrósio; e noutro passo: «O altar representa o corpo [de Cristo], e o corpo de Cristo está sobre o altar». A liturgia exprime esta unidade do sacrifício e da comunhão em numerosas orações. Assim, a Igreja de Roma reza na sua anáfora:

«Humildemente Vos suplicamos, Deus todo-poderoso, que esta nossa oferenda seja apresentada pelo vosso santo Anjo no altar celeste, diante da vossa divina majestade, para que todos nós, participando deste altar pela comunhão do santíssimo corpo e sangue do vosso Filho, alcancemos a plenitude das bênçãos e graças do céu».

<sup>53</sup> “ñ verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação, dar-Vos graças sempre e em toda a parte...” Assim se inicia a quase totalidade dos Prefácios, depois da invocação comum.

graças é vivida em cada Eucaristia. Este termo "eucaristia", em grego, significa dar graças (cf. CCC 1328). É uma dimensão clara que emerge no diálogo de introdução à Oração Eucarística – "Demos graças ao Senhor nosso Deus. É nosso dever, é nossa salvação." Dar graças é próprio de quem se sente amado, renovado, perdoado. É justo e devemos (*nosso dever*) dar graças a Deus *sempre* (tempo) e em *toda a parte* (espaço).

Dar graças sempre e em toda a parte, no ambiente onde vivemos, onde trabalhamos, é a realidade do existir do homem no mundo que também tem de ter expressão nesse "seio" materno da fé, onde esta se gera e nutre, e por isso se celebra em espaço fraterno de inter-relação para aprofundar a comunhão dos filhos de Deus. Arquitectonicamente esta dimensão é fundamental para a verdade da fé e ela tem de estar inscrita de tal forma que se concretize, ou facilite, uma inter-relação entre os fiéis e entre os fiéis e os ministros.

#### f) A Presença de Cristo<sup>54</sup>

A Eucaristia é antes de mais *obra de Deus (opus Dei)*. O Senhor fala e opera, aqui e agora, para nós, em virtude da acção do Espírito (cf. CIC 1373). Nos afirmamo-lo claramente em diversos momentos como, por exemplo, depois do ouvir a Sua Palavra: *Glória a Vós, Senhor* e antes de comungar o seu Corpo e Sangue: *Senhor, eu não sou digno de que entreis na minha morada, mas dizei uma palavra e serei salvo.*"

Assim, durante toda a celebração da Eucaristia se vai, progressivamente, colocando em evidência os diversos modos da presença de Cristo na Igreja. Está presente, em primeiro lugar, na própria assembleia dos fiéis reunidos em seu nome. Este "primeiro lugar" é determinativo para a forma do espaço onde os fiéis se reúnem, e por isso preocupação primeira do arquitecto. Também na sua Palavra, Palavra esta que exige um lugar próprio, pois é a "outra" mesa – a mesa da Palavra. Ela é a articular com a mesa do altar estruturalmente, formalmente e esteticamente. Na pessoa do ministro, que tem, também, um lugar definido – a presidência (sem equívocos, única), e esta com as duas mesas forma a unidade das três referências fundamentais que estruturam todo o presbitério.

O Senhor está sobretudo presente nas espécies eucarísticas, uma presença absolutamente única, porque no sacramento da Eucaristia está Cristo na Sua integralidade, Deus e homem, substancialmente e ininterruptamente. A "epifania" desta presença afasta todo e qualquer elemento perturbador que eventualmente apareça sobre o altar. Este é o espaço em que somente devera aparecer com

<sup>54</sup> "O Senhor esteja convosco", "Glória a Vós, Senhor", "Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!". "Eis o Cordeiro de Deus... Senhor, eu não sou digno..."

força de presença o cálice e a patena com o pão<sup>55</sup>. É importante, tanto durante a celebração eucarística como fora dela, manter viva a “memória” dessa presença real de Cristo<sup>56</sup>.

Sinal visível duma realidade invisível, o sacramento contém o que significa. Esta presença real vai-se dando continuamente ao longo da celebração e os fiéis vão dando assentimento na fé a essa presença, sobretudo nas respostas às invocações múltiplas do presidente. Componente a equilibrar na estrutura formal da igreja para que o “acontecer” da fé possa ter lugar cada vez que a Igreja se reúne<sup>57</sup>. Estrutura essa que há-de ajudar a fazer comunhão com Cristo que ajuda a “ver” os sinais da sua presença no mundo e a “manifestar-se” a quantos O encontram. Tudo isto deves levar a que digamos como os apóstolos “Vimos o Senhor” (Jo 20, 25).

#### d) Comunhão e caridade<sup>58</sup>

E sempre em nome da Trindade – “*Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*” – que a Igreja se reúne manifestando a comunhão de Povo resgatado. O convergir de tudo, no mesmo lugar, para celebrar os “santos mistérios” é responder ao Pai que nos chama em seu Filho, para chegarmos a Ele por Cristo, no amor do Espírito Santo.

A Eucaristia nunca é acção privada, mas sim acção de Cristo que associa sempre a si a Igreja com vínculo esponsal indissolúvel (cf. *Mane nobiscum Domine*, cap. III). Seja na liturgia da Palavra, em que esta é ouvida para a comunhão dos que a escutam, seja na liturgia eucarística, em que no pão e no vinho se oferece toda a nossa vida, oferta comum de toda a Igreja que se dispõe a fazer comunhão com Cristo, ou ainda em virtude da acção do Espírito Santo em que na oferta da Igreja esta se associa ao sacrifício de Cristo (“Guarda com amor e reconhece na oferta da tua Igreja, a vitima imolada para nossa redenção”). O fruto desta associação ao “sacrifício vivo e santo” é representado na comunhão sacramental: “fazei que alimentando-nos do Corpo e Sangue do vosso Filho, cheios do Espírito Santo, sejamos em Cristo um só corpo e um só espírito.” (OE III)

Aqui encontramos a fonte incessante da comunhão eclesial, em que a oferta do pão e do vinho, ou ainda a oferta em dinheiro ou outros dons, lembra que

<sup>55</sup> Afasta-se assim todo e qualquer elemento que possa visualmente ser maior (e tomamos o termo na sua acepção formal e estrutural) que este “pão e este vinho” – este cálice e esta patena ou píxide; nomeadamente o eventual arranjo floral.

<sup>56</sup> Há, pois, necessidade de o testemunhar não só pelo tom de voz, como pelos gestos, os movimentos e todo o conjunto de comportamentos (cf. *Mane nobiscum Domine*, 18).

<sup>57</sup> Arquitecturalmente há que considerar esta parte do “devir” da fé sem a constringer estrutural ou formalmente.

<sup>58</sup> “Num só coração e numa só alma”, “Fazei que, alimentando-nos do Corpo e Sangue do Vosso Filho, cheios do Espírito Santo, sejamos em Cristo um só corpo e um só espírito.”

a Eucaristia é apelo à solidariedade e à partilha. Esta dimensão intrínseca à Eucaristia deve ser plenamente manifestada na visibilidade dos objectos santos<sup>59</sup> que sustentam esta oferta. Não poderão, pois, ser ofuscados por uma qualquer decoração (seja de que tipo for) ou duma qualquer forma estrutural que impeça que a materialidade deste símbolos (os "sinais sensíveis", IGMR 5) sejam o meio pelo qual nós "vejamos pela fé o que aos olhos esta escondido"<sup>60</sup>.

Nesta comunhão de "olhares concentrados", que a oração estabelece à volta do "*lumen*"<sup>61</sup> se manifestará a comunhão entre os membros dum corpo<sup>62</sup> único. "A atitude comum, a observar por todos os que tomam parte na celebração, é sinal de comunidade e unidade da assembleia: exprime e favorece os sentimentos e o ânimo dos participantes." (IGMR 20).

Esta comunhão expressa-se ainda antes da Comunhão<sup>63</sup> no gesto da paz como expressão da comunhão eclesial<sup>64</sup> necessária para fazer comunhão sacramental com Cristo. O fruto dessa Comunhão é a deificação da Igreja, reflexo visível da comunhão tributária<sup>65</sup>.

### e) Silêncio

Sl. 37, 7: *Quiesce in Domino et expecta eum*: «Confia no Senhor e nele espera».

A IGMR número 23 diz, claramente que o silêncio sagrado é parte da celebração. Ele é "sagrado" quando ajuda ao recolhimento, à interiorização, à oração interior. Para isso ele não pode ser vazio, ausência, mas presença, receptividade, atitude diante de Deus que nos fala, aqui e agora e age por nós e em nós, aqui e agora (cf. Apoc 8, 1).

<sup>59</sup> Ver *Pontificale Romanum*, Ordo Dedicacionis ecclesiae et altaris, cap. VII: Ordo benedictionis calicis et patenae. *Pontifical Romano*, Dedicção da Igreja e do Altar, cap. VII, Rito de Bênção do cálice e da Patena, 1990, p. 147ss. Cf. "Bênção do cálice e da patena" in *Livro das Bênçãos*, p. 555s.

<sup>60</sup> Cf. "Oração Universal" da Bênção do cálice e da patena, Bênção fora da Missa, in *Pontifical Romano*, Dedicção da Igreja e do Altar, p. 153.

<sup>61</sup> Cf. Alocução de João Paulo II, "A Eucaristia, celebração terrena da Glória de Deus", 27 de Setembro de 2000, in *Notitiae* 412-413, 2000, pp. 526-527, n° 3-4. O Papa utiliza termos como "O acender da luz da glória", faz com que "os fiéis cresçam na misteriosa divinização...". A "glória do Senhor entrou no templo" com a sua presença luminosa (cf. Ez 43, 4) deve corresponder ao nosso honrar "o Senhor com coração generoso" (Ecl / Sir 35, 7). A propósito do Salmo 150, o Papa volta de novo a sublinhar esta presença da "luz divina" que faz com na oração e em conjunto possamos experimentar a descida de Deus que se adapta ao nosso limite para ouvir e falar, ser encontrado e salvar. Cf. "Salmo 150: "toda a criatura louve o Senhor", alocução de 26 de Fevereiro de 2003, in *Notitiae* 443-444, 2003, p. 339.

<sup>62</sup> Tomado no sentido Paulino.

<sup>63</sup> No missal Romano. Consideremos ainda que o rito da paz poderá ser antes de colocar os dons sobre o altar, como no rito ambrosiano, ou depois da apresentação dos dons e antes da Oração Eucarística como no rito Hispano-Moçarabe.

<sup>64</sup> Cf. Missal Romano, "sinal da mútua paz e caridade".

<sup>65</sup> Cf. João Paulo II, *Ecclesia de Eucaristia*, 34. Carta Encíclica de 17 de Abril de 2003.



Mosteiro Trapista de Novy Dvur, na Boémia, República Checa, Dedicção da Capela, Setembro de 2004. Arquitecto: John Pawson

Se na Eucaristia este silêncio deve ser respeitado<sup>66</sup>, como continuidade da oração ou como tempo para que a Palavra de Deus<sup>67</sup> e a comunhão do Corpo e Sangue do Senhor<sup>68</sup> façam vibrar o coração e a alma, ele toma sempre forma na possibilidade desta “vibração corporal” que exige espaço onde a quietude tranquila duma alma entregue, não será perturbada pela exiguidade da sua presença física que se vê invadida para que outro passe ou “empurre”, pois terá que re-ganhar o seu lugar. A arquitectura como arte de gerir espaço – espaço significativo e significante – terá de ter em conta esta *didascalía corpora*<sup>69</sup>, a que podemos chamar bem-estar.

Este mesmo silêncio “cheio” é, em certo sentido prolongado, para além da celebração, em que a casa da Igreja se torna presença invocatória num usufruir contemplativo de adoração diante do Santíssimo Sacramento<sup>70</sup>. Esta casa, mesmo feita por mãos humanas, tem, pois, esta marca dum Todo tornado Presença continua<sup>71</sup>, onde o acontecimento salvífico faz passar da experiencia

<sup>66</sup> O silêncio é presença necessária, marcando o ritmo da celebração, para que seja possível o recolhimento, a interiorização e a oração interior. Cf. Carta Apostólica de João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis para o ano da Eucaristia, *Mane nobiscum Domine* 18, de 7 de Outubro de 2004.

<sup>67</sup> Cf. *Ordo Lectionum Missae*, 28; *IGMR* 128, 130, 136.

<sup>68</sup> Cf. *IGMR* 146.

<sup>69</sup> Dimensão integrada do tom de voz, gestos, movimentos e todo o modo de comportar-se.

<sup>70</sup> Cf. *Mane nobiscum Domine*, 18.

<sup>71</sup> O desenvolvimento deste conceito levou-nos a caracterizar a *domus ecclesiae* como igreja da “espera”, isto é, tudo está ordenado para a que a verdadeira igreja, as “pedras vivas”, dêem sentido de plenitude aquilo que as mãos humanas ordenaram, quer dizer, tornaram sagrado (porque “separado” por “Dedicção”). Cf. Tese de doutoramento: *Liturgie et architecture: une nouvelle architecture pour un nouveau programme liturgique*, Institut Catholique de Paris, 2003. Neste sentido, ainda, afirma Pavel Evdokimov que a organização do espaço da igreja, inclusive fora dos officios, é capaz de manifestar fortemente a “vida incessante”, pois tudo esta à espera dos santos mistérios. Tudo dirigido para o Reino, esta espera ilumina-se de “presenças”. Cf. Pavel EVDOKIMOV, *El arte del icono*, Publicaciones Claretianas, Madrid, 1991, pp. 152-163.

litúrgica do silêncio<sup>72</sup> à "espiritualidade" do silêncio, à dimensão contemplativa da vida<sup>73</sup>.

### f) Adoração

Prostrar-se-ão diante daquele que está sentado no trono e adorarão aquele que vive pelos séculos dos séculos<sup>74</sup>. (Ap 4, 10; cf. Ne 8, 6)

Este convite constante à adoração, durante a celebração da Eucaristia, toma fisicamente forma no estar em pé, de joelhos ou sentados<sup>75</sup>. Na variedade destes gestos, "em uníssono", se manifesta o sentir da comunidade orante. Todas estas atitudes têm um enraizamento bíblico e um significado que os autores sagrados<sup>76</sup> e os grandes místicos<sup>77</sup> foram explicitando ao longo dos tempos.

Estas atitudes são, pois, sinais sagrados da imagem da liturgia celeste, imitando os anciãos que se prostam diante daquele que está sentado no trono e O adoram pois ele vive pelos séculos dos séculos. Sem entrarmos na fenomenologia dos gestos e atitudes, que ultrapassa o âmbito deste artigo, tomamo-los, no entanto, como algo fundamental para dar "corpo" à postura verdadeira daquele que "Adora o Senhor seu (teu) Deus e somente a Ele presta culto" (Mt 4, 10), afastando qualquer tentação idolátrica como foram as palavras de Jesus diante as tentações no deserto. Estes gestos e atitudes são as nossas "palavras", "pensamentos" e "agir" coerente da verdade celebrada.

Estes gestos e acções são a realizar "com decoro" (cf. IGMR), isto é, na possibilidade material de se concretizarem numa amplitude que definirá a sua plena significação. Criar uma espaço de celebração dos "mistérios"<sup>78</sup> (tarefa

<sup>72</sup> Cf. Carta Apostólica de João Paulo II no XL aniversário da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Spiritus et Sponsa* 13, de 4 de Dezembro de 2003.

<sup>73</sup> Como exemplo arquitectónico conseguido desta busca podemos citar, entre outros muito raros, a obra do arquitecto inglês John Pawson, principalmente na adaptação que fez no Mosteiro de Novy Dur, perto de Touřim na Região de Karlovy Vary, perto do mosteiro dos Premonstratenses de Teplá (Também conhecidos por *Cónegos Brancos*, *Cónegos de São Norberto* ou *Norbertinos*, é um ramo que derivou da ordem dos cónegos regulares de **Santo Agostinho**, fundado em 1119 por **São Norberto**).

Em 1999, John Pawson foi convidado pelos monges Cistercienses a realizar um novo mosteiro numa quinta barroca na Boémia. Assim o esquema combina elementos que foram guardados do original barroco com arquitectura inteiramente moderna. O princípio arquitectónico é sem precedentes, estando presente o espírito de S. Bernardo que há vinte séculos tem guiado a Ordem, com especial ênfase na qualidade da luz e das proporções, limitando-se a elevações simples e bem delineadas sem interrupções que venham quebrar uma leitura directa e "verdadeira" da concepção formal.

<sup>74</sup> *Procidebant ante sedem in trono et adorabant viventem in saecula saeculorum*. (Ap 4, 10).

<sup>75</sup> Cf IGMR 20-22. Enraizamento bíblico ver Ne 8.

<sup>76</sup> Por exemplo Fil 2, 10: "Para que, ao nome de Jesus, todo o joelho se dobre..."; Is 45, 22-23; Mt 2, 11; Mc 1, 40, Mt 14,33. 15, 25. 17, 14; Lc 5, 8; Mt 26, 39; Ef 3, 14-15; Act 7, 60; Ap 5, 14. 7,11. 13, 4. 22, 9.

<sup>77</sup> "Celebrem o Ofício Divino ali mesmo onde trabalham, dobrando os joelhos, com temor divino" Cap. 50 da Regra de S. Bento.

<sup>78</sup> "Irmãos, para celebrarmos dignamente os santos mistérios..." (Missal Romano).

arquitectural) implica dar a possibilidade material-espacial a uma "dignidade" eloquente, em que um "corpo falante" se manifesta numa *dignitas* e *com-positio*<sup>79</sup> de si mesmo e para além de si-mesmo, pois dá expressão visível ao infinitamente grande que o habita<sup>80</sup>.

"Dobrar o joelho" diante da Eucaristia, adorando o Cordeiro que nos concede celebrar Páscoa com Ele, educa a não nos prostarmos diante do imediatismo prático (e barato!) de uma construção de mãos humanas que não conhecem, ou não querem conhecer, a obediência à fé numa docilidade e veneração àquele que é o único Senhor da Igreja e do mundo. Certamente, que este princípio afastaria qualquer curioso<sup>81</sup> a um exercício de experiência ao querer construir a *domus ecclesiae*.

### g) Alegria

*"Por isso, todas as criaturas, no céu e na terra,  
Vós adoram cantando um cântico novo.  
E também nós, com todos os coros dos Anjos,  
Proclamamos a vossa glória, cantando numa só voz: Santo..."*

(Prefácio II da Santíssima Eucaristia)

"Por essência a alegria cristã é participação na alegria insondável, humana e divina, que reside no coração de Jesus Cristo glorificado" (*Gaudete in Domino* II<sup>82</sup>), e esta participação na alegria do Senhor "não pode ser dissociada da celebração do mistério eucarístico", de modo particular na Eucaristia celebrada no "Dia do Senhor"<sup>83</sup>. "O carácter festivo da Eucaristia Dominical exprime a

<sup>79</sup> Ver Jean-Yves HAMELINE, "De rebus liturgicus. Célébrer à trois dimensions" in *LMD* 169 (1987), pp. 105-122

<sup>80</sup> Cf. Rom 5, 5; 2 Cor 1,22; Ef 1, 13-14.

<sup>81</sup> Aqui se excluíram simples "boas-vontades", pois exige-se "caminhar" na compreensão do mistério da fé, não à maneira do mundo, ou dum qualquer sonho pseudo-místico sobre o transcendente, mas seguindo aquele que é "caminho, verdade e vida". Construir uma igreja é, em última instância e quase sempre, desejo de qualquer arquitecto, pois se torna garantia de que a "sua" obra pode perdurar no tempo. Contudo, há que estar atentos ao *modus faciendi*, pois este pode ser também caminho de aprofundamento de fé ou de conversão para aqueles que ainda não descobriram a Luz deste Mistério. Querer apropriar-se desta "casa", mesmo se lhe demos forma visível, isto é, se concebemos o projecto arquitectural, é encerra-la temporalmente numa irreversibilidade que em cada instante será anacrónica. Por isso, é necessário despojamento de si-mesmo para que o Outro seja "tudo para todos", num devir histórico contínuo e sempre renovado à medida de cada tempo (e aqui se implica também o Tempo Litúrgico), de cada época e de cada Homem. É condição da obra de "arte" a vivência desta de forma independente, isto é, sem constante presença do cordão umbilical que é sempre "dependência".

<sup>82</sup> Exortação Apostólica de Paulo VI, 9 de Maio de 1975.

<sup>83</sup> "O carácter festivo da Eucaristia Dominical exprime a alegria que Cristo transmite à sua Igreja através do dom do Espírito Santo. A alegria é exactamente um dos frutos do Espírito Santo." (cf. Rom 14, 17; Gal 5, 22). (*Dies Domini* 56, Carta Apostólica de João Paulo II, de 31 de Maio de 1998.

alegria que Cristo transmite à sua Igreja através do dom do Espírito Santo. A alegria é exactamente um dos frutos só Espírito Santo (cf. Rom 14, 17; Gal 5, 22).

De diversos modos se pode expressar esta alegria manifestando a alegria do encontro com Cristo e com os irmãos. Assim ela pode estar presente na palavra, como na *Glória* ou no *Prefácio*, ou nos gestos e no clima festivo que vai desde o acolhimento aos arranjos florais e ao uso adequado do acompanhamento musical, quando é permitido pelo Tempo Litúrgico.

A assembleia celeste, à qual se une a Eucaristia celebrando os santos mistérios, canta com alegria o louvor do Cordeiro imolado porque n'Ele e com Ele já não há mais luto, nem pranto. A expressão desta alegria de coração encontra pois, de modo particular, expressão no canto que está muito para além do "adornar" a celebração (cf. IGMR 39; *Dies Domini* 50).

O "cantar a missa" e não simplesmente durante a Missa, permite-nos experimentar que o Senhor Jesus vem fazer comunhão connosco para que a "sua alegria esteja em nos e a nossa alegria seja completa" (cf. Jo 15, 11; 16, 24; 17, 13).

A ministerialidade do cantar (cf. IGMR 19; 63-64<sup>84</sup>) tem, pois, na celebração um papel insubstituível que exige condições específicas para o seu desempenho. Assim a presença da *schola cantorum* ou "grupo coral" (cf. IGMR 63) exige um "lugar" em que a sua participação activa não fique comprometida, isto é, facilidade na "participação sacramental" (cf. IGMR 257, 274), assim como manifeste claramente a sua natureza "como parte da assembleia dos fiéis, e a função peculiar que lhe está reservada". Exercício difícil na tarefa do arquitecto acrescida pelo lugar a dar ao instrumento musical que acompanha o exercício desta função – o órgão<sup>85</sup> (Cf. IGMR 275). Não esquecendo que o lugar escolhido para este último tem que servir "quer a *schola*, quer o povo e ser bem ouvido por aqueles que intervêm sozinhos".

Participar nesta festa, que é a Eucaristia, é não se deixar dominar pela tristeza. O júbilo cristão não nega o sofrimento, a preocupação, a dor; seria mesmo ingénuo pensá-lo, mas o lamento da sementeira ensina a vislumbrar a alegria da recolha. No sofrimento de Sexta-Feira Santa se faz esperar a alegria da manha da Ressurreição. A Eucaristia é lugar de encontro para viver a alegria fundada n'Aquele que nos consola em todas as tribulações para assim podermos consolar os outros (cf. 2 Cor 1, 4). O espaço da igreja devera permitir o

<sup>84</sup> Estes números dizem respeito ao capítulo III da IGMR: Ofícios e ministérios na Missa.

<sup>85</sup> Sobre o papel importantíssimo que pode ter o órgão como elemento constitutivo da abertura escatológica do espaço celebrativo ver José RIBEIRO GOMES, "Espaços litúrgicos e o lugar do órgão", Congresso Internacional "O Órgão e a Liturgia, hoje", Fátima, 20-22 de Novembro de 2003 (Actas ainda não publicadas). Entretanto, foi Dedicada a Igreja da Sagrada Família (7/11/10), agora Basílica Menor, em Barcelona (de Gaudí), e a colocação do órgão corresponde à perspectiva que abordamos no referido Congresso.

recolhimento necessário à partilha íntima dum coração penoso com o seu Deus. Apontamos simplesmente o papel importante que deve ter a iluminação na definição do espaço para tornar possível este "encontro".

"Na cultura actual chegou-se ao "triunfo da luz sobre as trevas" como uma vitória do bem sobre o mal. À luz atribuíram-se vários significados positivos enquanto que a obscuridade representa o lugar da negatividade. A arquitectura moderna e contemporânea marcou a derrota de cada pequeno recanto de sombra em favor dum nível de iluminação cada vez mais elevado que supera de longe a necessidade real. O aumento da superfície transparente à radiação luminosa, e portanto a maior disponibilidade de luz natural no ambiente interno, não se traduziu necessariamente num melhoramento das condições d iluminação; o aumento indiscriminado do nível luminoso, de facto, tende a determinar um ofuscamento e desconforto visual. Aumentar de maneira indiscriminada a quantidade de luz (natural ou artificial) não oferece, na realidade, nenhum benefício real e, pelo contrário, pode fazer esconder as verdadeiras condições luminosas no interior dos ambientes".

Alessandro ROGORA, Luce naturale e progetto, in [www.tarch.com](http://www.tarch.com), 15/11/2010.

#### **h) Missão<sup>86</sup>**

Jesus deixa claro aos seus discípulos que a continuidade da sua missão cabe agora àqueles que n'Ele crêem e O adoram e que por isso entregam as suas vidas num testemunho perfeito para que todos os homens sejam salvos (cf. Mt 28, 16-20).

Celebrar o acontecimento salvífico para toda a humanidade é pedir àquele que é "verdadeiramente Santo... que não cesse de reunir para o Pai um povo dum extremo ao outro da terra" (Oração Eucarística III). "A Igreja tira a força espiritual de que necessita para levar a cabo a sua missão da perpetuação do sacrifício da cruz na Eucaristia e da comunhão do corpo e sangue de Cristo. Deste modo, a Eucaristia apresenta-se como *fonte* e simultaneamente *vértice* de toda a evangelização, porque o seu fim é a comunhão dos homens com Cristo e, n'Ele, com o Pai e com o Espírito Santo." (*Ecclesia de Eucharistia*, 22<sup>87</sup>)

O partir na paz do Senhor<sup>88</sup> implica toná-Lo presente em todos os momentos como a plenitude da vida a que somos chamados. Esta despedida, com a qual se termina a celebração eucarística, não é simplesmente um apontamento conclusivo duma acção. Duma forma especial nas bênçãos solenes, se recorda que saímos da igreja com o mandato de testemunhar no mundo que somos

<sup>86</sup> Esta dimensão da missão está claramente presente na Oração Universal.

<sup>87</sup> Encíclica de João Paulo II, 17 de Abril de 2003.

<sup>88</sup> "Ide em paz e o Senhor vos acompanhe".

"cristãos"<sup>89</sup>. O Papa Bento XVI sublinha claramente esta dimensão dizendo "Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária"<sup>90</sup>.

Esta missão é abertura ao mundo, a tudo aquilo que é Criação – espaço "total" da Revelação divina. Se a Eucaristia é, como vimos, fonte de missão, ela não pode ser encerrada num espaço, mas tem de abrir-se à mundividência da presença de Deus. O espaço eucarístico será, pois, tanto mais "missionário" quanto mais estiver "aberto" ao espaço circundante numa relação dialogal de continuidade e complementaridade, pois "a tensão missionária é parte constitutiva da forma eucarística da existência cristã" (Bento XVI). Esta relação devera, pois, cuidar a "forma" de viver (celebrar) a Eucaristia e é aqui que a arquitectura se deve situar como transversalidade considerando os problemas do habitat<sup>91</sup>, de urbanismo e ecologismo. Para o cristão este mundo, criado por Deus, é a "sua casa" – espaço onde o homem se insere, e que de forma organizada deverá proporcionar-lhe um desenvolvimento integral de modo a que as suas relações interpessoais se desenvolvam harmoniosamente num espaço funcional e simbólico, isto é, em termos positivos. Tudo isto leva a considerar a "casa dos cristãos" como habitação; em termos globais, como um elemento central da sua própria vida, e por isso mesmo, espaço com o qual se identifica, pois é o lugar em que o "projecto" cristão tem uma relação intrínseca com a solidariedade e a paz.

Foi, sem dúvida, esta fé da Igreja no Mistério Eucarístico que fez surgir ao longo da história, não somente uma busca permanente duma atitude interior de devoção, mas também o aparecimento de "expressões exteriores" que

<sup>89</sup> Bênçãos Solenes: "Encha de alegria as vossas almas e faça de vos mensageiros do Evangelho" (Natal do Senhor). "Deus vos faça testemunhas da sua verdade diante dos vossos irmãos, como verdadeiros discípulos de Cristo" (Epifania do Senhor). "Deus de toda a consolação dirija na sua paz os dias da vossa vida" (Tempo Comum IV). "Deus... vos ensine... a ganhar para Cristo os vossos irmãos" (São Pedro e São Paulo). "Deus... vos fortaleça e ensine, para que sejais, sempre e em toda a parte, testemunhas da sua verdade" (Apóstolos). "Faça de vos testemunhas fiéis do Evangelho", "Vos torne capazes de formar uma verdadeira comunidade de fé e amor" (Festa de um Santo).

O Capítulo IV da Carta Apostólica de João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis para o ano da Eucaristia, *Mane nobiscum Domine*, de 7 de Outubro de 2004, trata precisamente deste aspecto missionário da Eucaristia, sendo esta princípio e projecto de missão.

<sup>90</sup> Exortação Apostólica pos-sinodal *Sacramentum Caritatis* 84, 22 de Fevereiro de 2007.

<sup>91</sup> A busca do sentido mais profundo do habitar esteve no centro de interesse de diversos estudiosos como Heidegger, Ryckwert, Le Corbusier cujas análises semânticas consideram o termo como ligado aos conceitos de *fechar-se, parar (estar)* e ainda mais *estar em paz, ser levado à paz, habitar aí*. *Fechar-se, construir, ser* são tantos outros significados de habitar, e todos exprimem *enraizar-se, identificar-se, segurança, transformação* do espaço geográfico e do habitat.

C. Cooper efectua uma leitura simbólica do habitar, a concepção da casa contraposta ao universo (Rainer Maria Rilke, Gaston Bachelard: *A poética do espaço*), como tempo (Raglan e Lips), como refúgio do fogo sagrado (Pierre Deffontaines: *L'homme et sa maison*) e sublinha que ainda, em termos globais, *casa e habitar indicam refugio das coisas mais preciosas do universo (e sobretudo de si mesmo), mas também referencia e inseparabilidade deste ser refugio com o ambiente circundante.*

manifestam a grandeza do acontecimento celebrado. "Daí nasceu um percurso que conduziu a delimitar progressivamente *um estatuto especial de regulamentação para a liturgia eucarística*, no respeito das diversas tradições eclesiais legitimamente constituídas. Nesta base desenvolveu-se, também, *um rico património artístico*. A arquitectura, a escultura, a pintura, a música, deixando-se orientar pelo mistério cristão, encontraram na Eucaristia, directamente ou indirectamente, um motivo de grande inspiração." (*Ecclesia de Eucaristia* 49). O Papa João Paulo II afirmava, para o caso da arquitectura, "que, desde que o contexto histórico o permitiu, esta viu o lugar das Celebrações eucarísticas passar das "*domus*" das famílias cristas às *basílicas* solenes dos primeiros séculos, depois às imponentes *catedrais* da Idade Média, e finalmente às *igrejas*, grandes e pequenas, que se multiplicaram progressivamente sobre as terras onde o cristianismo chegou. A forma dos altares e dos sacrários desenvolveu-se nos espaços litúrgicos, seguindo, uma vez e outra, não somente os elâns da inspiração, mas também as indicações duma compreensão precisa do Mistério."<sup>92</sup>

### Em modo de conclusão "provisória"

Diríamos que é neste sentido de missão que nos cabe, hoje, "criar" a casa dos cristãos. Não poderemos ficar na imitação do que já se fez, pois, como dizia Theodor Wiesengrund Adorno: "A partir do momento em que uma arte imita outra, ela afasta-se, na medida em que nega a dificuldade do seu próprio objecto"<sup>93</sup>. Olhar para Portugal e ver os caminhos que tem percorrido a arquitectura religiosa contemporânea no seu conjunto, faz-nos entrar num deserto de originalidade, e encontrar a "imitação" moldada pela história da arquitectura "*in genere*", onde predomina o exemplo do século XIX, ou a nostalgia do Barroco "português". Há ainda um longo caminho a fazer, mas será necessário querer fazê-lo. Continuar a força do novo "elân" dado pelo Vaticano II implica determinação e consciencialização da exigente tarefa que é pedida ao arquitecto, ao liturgista, à comunidade, aos pastores. Construir a casa dos cristãos não pode ser nunca um exercício piedoso, o favor de alguém, ou a "fama" dum criativo, e ainda menos o gosto pessoal do comanditário (a "sua" obra)! É trabalho de conjunto, de reflexão, de análise objectiva sobre a realidade em que se vive e que se quer servir, que é forçosamente no hoje da história. A Igreja oferece-nos uma liturgia, que como vimos, toma em conta todos e cada um numa interpelação

<sup>92</sup> *Ecclesia de Eucaristia* 49.

<sup>93</sup> A tradução é nossa, apresentamos o texto em francês: «Dès qu'un art en imite un autre, il s'en éloigne, dans la mesure où il nie la contrainte de son matériau propre»

de conjunto e pessoal. Além da nostalgia dum pseudo-esplendor do passado, o risco é pensar na "igreja de exceção", isto é, nos grandes acontecimentos, grandes festas (Natal, Pascoa, etc.) em que a afluência é, ainda (e até quando!), numerosa. A liturgia quotidiana que a Igreja nos propõe celebrar dificilmente comporta mais de 200 a 250 pessoas (300 no máximo). A partir daí uma vivência inter-relacional, na dupla dimensão que sublinhamos, será insustentável ou inexecutável. Este princípio fará também inserir, com verdadeiro espírito evangélico, a construção da igreja numa economia aceitável e sustentável.

Será necessário re-encontrar o *élân* dos primeiros anos depois do Concílio para encontrar o caminho entre nós. Mas também olhar à nossa volta, para a Europa, que é agora uma grande casa, e ver os caminhos percorridos e ter a humildade de querer aprender das experiências feitas. Alguns clamarão por uma "originalidade, ou marca" portuguesa. Pois que seja – mas alicerçada numa realidade concreta, isto é, considerando as peculiaridades dos homens e mulheres portuguesas de hoje celebrando a liturgia que Hoje a Igreja propõe, na harmonia dos "dois santuários".